

ENSAIO FENOMENOLÓGICO SOBRE A OBRA “O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS

FERNANDA PINTO MIRANDA¹; ÉDIO RANIERE DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas- fpintomiranda@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- edioraniere@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa, a partir da ótica fenomenológica, o personagem Simão Bacamarte, da obra “O Alienista” de Machado de Assis, tomando por base o livro “O Ser da Compreensão: Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico”, de Monique Augras. Além do psicodiagnóstico fenomenológico, pretende fazer a analogia do problema encontrado pelo personagem com a crise epistemológica da psiquiatria através da crítica a esse modelo que utiliza uma sintomatologia para definir quem é “normal” e quem “não é”. Se para a fenomenologia, a hipótese diagnóstica não se encerra nela mesma, pois “elaborar um laudo não significa dizer ‘que doença tem’” (AUGRAS, 2012), para o DSM-V (2014) a necessidade de se estabelecer critérios diagnósticos bem definidos é o objetivo principal.

A obra “O Alienista” conta a história do médico Simão Bacamarte, que decidiu residir na cidade de Itaguaí para poder fazer um estudo científico sobre a loucura, construindo, para isso, a Casa Verde. Com o passar do tempo, o alienista entrega-se completamente aos estudos com os loucos internando todos os moradores da cidade, pois todos, de certa forma, apresentam algum sintoma psicopatológico que o enquadram em algum tipo de doença mental. Depois de um tempo, os libera, pois chega à conclusão de que é o único ali que realmente tem a mente totalmente equilibrada, enclausurando-se na Casa Verde até o dia de sua morte.

É através, portanto, do psicodiagnóstico fenomenológico que se pretende identificar como o personagem percebe o tempo, o espaço, o outro e a obra, e compreender como estas relações o constituem enquanto sujeito, ou seja, compreender quais as relações que ele estabelece e quais os problemas que o atrapalham na concretização de sua obra de vida. Na tentativa de enquadrar a todos os moradores da cidade, Simão nos remete a ideia do quanto ainda estamos ligados a uma tradição clínica/médica e não percebemos o ser humano por trás dos sintomas, sua vida, sua obra. Para poder compreender esse tema, é necessário reconhecer o grande legado que nos traz a fenomenologia através da visão mais completa do sujeito e a crise que enfrentam os manuais diagnósticos na tentativa de categorizar o sujeito em algum tipo de transtorno mental (SHNEIDER, 2009).

2. METODOLOGIA

A análise fenomenológica do personagem foi um trabalho desenvolvido em 2014 na disciplina de Teorias Humanistas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. Para a realização da atividade, era necessário que se fizesse um psicodiagnóstico do personagem Simão Bacamarte com base no livro de Monique Augras, “O ser da compreensão: Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico”, em que o tempo, o espaço, a obra e o outro seriam os pontos a serem analisados. Este exercício não pretendia enquadrar o personagem em

questão através de pontos específicos, mas trazer a complexidade da relação que estabelece dentro de sua própria vivência e, a partir disso, representar e compreender como se dão estas relações. Para a apresentação desse trabalho no presente Congresso, se buscou aprofundar a análise inicial trazendo outras discussões feitas na disciplina de Psicopatologia II, cursada no primeiro semestre de 2015 na mesma faculdade, tentando comparar a história do personagem analisado com a própria constituição da psicologia enquanto prática clínica, levando em consideração os caminhos históricos e epistemológicos que permeiam seu discurso:

A psicologia clínica, de imediato, se associa à ideia de doença. O seu nome está ligado à prática médica, e nisso se envolve numa ambiguidade que vem onerando, pesadamente, a atuação do psicólogo. A psicologia clínica descende, em linha direta, da psicopatologia, e dela se alimenta. Diagnóstico e terapia são suas duas grandes especialidades. O engenhoso acréscimo que as transformou em psicodiagnóstico e psicoterapia não consegue disfarçar a evidência da filiação. Não haveria problema nisso se a psicologia clínica conseguisse tornar-se autônoma, se elaborasse os seus próprios conceitos e sua linguagem específica. O que se observa, contudo, é o apego irrestrito à linguagem da psicopatologia. (AUGRAS, 2012)

Para corroborar essa ideia, foi realizado o psicodiagnóstico fenomenológico de Simão Bacamarte na tentativa de buscar elementos que auxiliem na identificação da analogia entre a obra e a crise que se revela na utilização dos manuais diagnósticos para entender o ser humano e suas interações com o meio e consigo mesmo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a fenomenologia, a construção e a interpretação dos significados são a base para a compreensão do ser no mundo. É através desta ideia que compreendemos como o personagem Simão Bacamarte estabeleceu suas relações e de que maneira elas o significaram. Portanto, qualquer procedimento clínico que ignore a realidade de cada um e que tenha por base este tipo de prática deve ser repelido. Além disso, a avaliação do indivíduo não se pode dar através de modelos, mas a partir de sua própria trajetória de vida (AUGRAS, 2012). Tendo por base essa linha de pensamento, se pode constatar o contraste no tipo de abordagem que o personagem utiliza para estudar a loucura, pois tenta enquadrar cada indivíduo em sinais e sintomas para tipificar um determinado transtorno. Esta é a principal analogia que se pode reconhecer dentro do conto, pois é através dela que se percebe a dificuldade que se coloca a utilização de manuais diagnósticos na prática clínica ainda hoje.

Em linhas gerais, o personagem analisado teve como objetivo maior sua perpetuação através de algum feito na humanidade. Para isto, escolheu estudar a loucura, encontrando na cidade de Itaguaí seu lugar para construção de sua obra. A construção da Casa Verde foi a materialização de sua intenção, de seu sonho de eternizar-se e de deixar algo importante para a humanidade. Todas suas atenções ficaram voltadas para este objetivo.

Simão Bacamarte deixou-se levar pela ciência, sua obra constitui seu antes e depois, seu espaço no mundo e sua vida ganhou novo significado a partir de suas experiências. Foi, porém, através desta construção de mundo que o alienista alienou-se dentro de sua própria obra, pois não conseguiu compreender o outro através de sua própria trajetória.

Já, segundo a fenomenologia, “o psicólogo deve ater-se a pesquisar, dentro de suas próprias vivências, os caminhos que possam levar à compreensão do outro” (AUGRAS, 2012). Não se pode determinar de que forma se quer que as pessoas protagonizem suas experiências. Ao determinar o que é “normal” e o que é “patológico” estamos nos desviando desse conceito e reconhecendo que existe algo que foge do que pode ser considerado ajustável nas sociedades. Sabe-se, porém, que a história da loucura percorre diferentes caminhos até chegarmos ao que temos hoje. Se antes haviam algumas atitudes que eram consideradas patológicas, hoje, já não são mais. Por isso, se faz necessário reanalisar a ideia de psicodiagnóstico com o foco nos transtornos mentais e tentar compreender o ser na sua conexão com o mundo.

É partindo desse pressuposto que a obra “O Alienista” pode servir de denúncia à crise epistemológica que permeia o discurso psicopatológico, principalmente com relação à tentativa de enquadrar cada ser em um tipo de transtorno mental, sem levar em consideração sua complexidade, sua subjetividade. Através do trabalho de SNHEIDER (2009) busca-se reconhecer como a fenomenologia contribui para a quebra desse paradigma quando problematiza e questiona a maneira com que os psicólogos podem trabalhar dentro da clínica e não só nela, mas para uma nova visão do ser no mundo.

Quando o alienista percebe que não poderia estar a maior parte da população “louca” e também no momento em que acredita ser o único da cidade com o pensamento totalmente organizado, vê-se claramente que “o significado de um acontecimento se transforma juntamente com a história do indivíduo (...) é o sentido da trajetória do ser que modifica a significação do passado e do presente” (AUGRAS, 2012). Diante disso, se faz um último questionamento: é mais seguro tentar categorizar um indivíduo dentro de um determinado transtorno mental, utilizando-se, para isso, uma quantidade de sintomas e sinais do que tentar compreendê-lo enquanto um ser no mundo, sua história de vida? Como já foi dito anteriormente, a história da constituição da própria psiquiatria enquanto ciência nos mostra o tortuoso caminho que se encontra para ser reconhecida como tal.

4. CONCLUSÕES

Através da análise, pode-se reconhecer a denúncia por trás do conto “O Alienista” no que se refere à crise da psicopatologia e seu campo de atuação. É imprescindível a busca por um novo olhar, principalmente dentro da clínica psicológica e tentar reconhecer nos sujeitos o que o constituem enquanto seres no mundo, indo além de uma sintomatologia que o enquadra em um determinado transtorno mental. A busca por um manual que delimita exatamente os sintomas e sinais de determinadas doenças pode acabar sendo um frustrante caminho que a cada dia se distancia mais do seu objeto, que é o ser humano e sua complexidade. A analogia do conto com a realidade é um exercício muito interessante para tentarmos buscar novas maneiras de fazer um psicodiagnóstico enquanto psicólogos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014

ASSIS, J M M de. **O Alienista; Um homem célebre; Conto de escola; Noite de almirante e Uns Braços.** Porto Alegre: L&PM Pocket. 2006

AUGRAS, M. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico.** Petrópolis: Vozes, 2012.

SHNEIDER, D R. Caminhos históricos e epistemológicos da psicopatologia: contribuições da fenomenologia e existencialismo. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental.** Santa Catarina, v.1, n.2, p.62-76, 2009.